

REFLETINDO O MULTICULTURALISMO E SUAS IMPLICAÇÕES NA UNIVERSIDADE

PROFA. MSDA. CHEILA SZUCHMACHER HUF

Introdução

Sou filha de imigrantes, por parte materna descendo da Rússia e paterna, da Polônia. Meus pais fugiram para o Brasil devido à perseguições étnicas sofridas nestes países.

Sou judia e nasci no Brasil, país que possui uma diversidade cultural bastante acentuada. Por pertencer a um grupo que faz parte desta diversidade e por estar vinculada à educação, atuando como professora, decidi fazer esta breve reflexão sobre o multiculturalismo e suas implicações na universidade.

Leciono Hebraico numa escola comunitária brasileira judaica e nos últimos anos tive o privilégio de atuar como Professora substituta da Faculdade de Letras (português/hebraico) das Universidades UFRJ e UERJ. No âmbito acadêmico tive contato com alunos das mais diversas religiões, sendo que alguns deles, por motivação religiosa, pretendiam estudar a língua hebraica para poderem ler o Antigo Testamento no “original”. Na Universidade pude me relacionar com pessoas que optaram por estudar o hebraico e que com as quais, diariamente, realizávamos um intercâmbio de idéias — alguns deles me ensinavam sobre o Novo Testamento - uma experiência bastante enriquecedora em todos os sentidos, tendo me tornado amiga pessoal de alguns alunos, pude ampliar meu universo de conhecimento.

Encarando a Diversidade

O mundo contemporâneo nos leva a refletir sobre questões presentes no nosso cotidiano como a globalização, mundialização e até a planetarização. Todos estes conceitos modernos vêm invadindo as sociedades mais complexas, atingindo de hábitos a sistemas financeiros, em países ligados à rede digital.

“Com a constituição da rede digital e o desdobramento dos seus usos tal como imaginamos aqui, televisão, cinema, imprensa escrita, informática e telecomunicações veriam suas fronteiras se dissolverem quase que

totalmente, em proveito da circulação, da mestiçagem, e da metamorfose das interfaces em um mesmo território cosmopolita.” (Lévy,1996,p.113)

Tendo em vista que a diversidade cultural, que sempre existiu, se torna mais evidente na sociedade atual, faz-se necessário que a universidade esteja atenta à proposta de trabalhar com um tema tão complexo, o multiculturalismo.

Paradoxalmente, em um mundo que vem rompendo as fronteiras, nota-se a necessidade do ser humano de identificar-se com um grupo, no qual o sentido de isolamento pertencente ao macro vá se diluindo e dê conforto aos indivíduos que mantêm uma identidade cultural, uma tradição e uma história que lhes permita pertencer a esta nova realidade sendo sujeitos atuantes neste processo:

A sociedade globalizada é, por sua vez, instável; nela o sujeito-ator perde protagonismo e não encontra figuras emblemáticas com as quais se identificar, em companhia dos outros, além de beber as mesmas bebidas ou assistir aos mesmos filmes. Se compartilharmos cada vez menos significados, as comunidades de vida podem tender à fragmentação e a considerarem-se cada vez mais autônomas em relação umas às outras (Berger e Lukmann,1997,p.63), ficando como as únicas que resguardam seus membros da crise de sentido. (Sacristán,1999,p.193)

De acordo com Sacristán (1999) o homem é capaz de transformar a sociedade tendo como base a história de sua própria civilização, seu desenvolvimento, contradições e identidade cultural. Cabe à universidade como instituição que produz e reproduz nossa sociedade, trazer para seu cotidiano o exercício de cidadania consciente face a diversidade cultural:

A sociedade comprometida com a luta pela universidade democrática, deve levar em conta os valores que estão sendo veiculados pela mesma no sentido de poder contribuir para um novo paradigma.

Morin (1999) nos esclarece o quanto o pensamento complexo é necessário para darmos conta de questões que fora de um contexto histórico não teriam o menor sentido. Diante desta idéia temos a possibilidade de ultrapassarmos a rigidez, partindo para uma relação dialógica do conhecimento.

Seria inválido pensarmos em qualquer tipo de transformação nas universidades sem nos preocuparmos com a formação dos professores.

Quando nos assumimos como professores temos que ter preparo para que em situações de preconceito no cotidiano universitário, tenhamos a possibilidade e a lucidez de discutir e até de reverter a negação ao que é diferente a partir do que entendemos como compreensão, ética e solidariedade.

Sendo a universidade provedora de um conhecimento institucionalizado seu efeito democratizante se torna fundamental já que vivemos numa sociedade letrada e todos que não possuem estes conhecimentos acabam vivendo à margem da sociedade e tendo poucos instrumentos para lutarem pelos seus direitos de cidadãos. É necessário que como agentes deste processo, estejamos engajados nos aspectos pertinentes à produção dos conhecimentos necessários para a dignidade, reconhecimento e valorização de cada indivíduo:

A identidade cultural apela para o conhecimento e reconhecimento de que alguém é membro ou possui características próprias de um grupo cultural, com a conseqüente conotação emocional de sentir-se como tal; tonalidade afetiva que pode ser de satisfação, de orgulho, de desconforto ou até de rejeição, conforme o caso. A identidade cultural é condição que alguém atribui a si próprio ou que lhe é atribuída ou reconhecida. (Sacristán,1999,p.191)

Atualmente, já se admite falar e até conhecer melhor as diversidades existentes em cada aluno. Se pretendemos romper com atitudes autoritárias tornando a universidade um ambiente democrático, precisamos permitir que cada aluno se expresse livremente, pois a democracia passa necessariamente pelo respeito às diferenças. Como nos esclarece Fischmann: “E as responsabilidades que temos, como educadores, de preservar essa diversidade, garantindo a identidade de cada tradição e promovendo a solidariedade, tarefa intransferível da educação.” (Fischmann,1999, p.112)

A universidade que realmente procura ter uma postura democrática de ensino e está preocupada com a formação do futuro cidadão tem como um de seus desafios desenvolver uma reflexão consciente sobre a realidade, no sentido de poder transformá-lo e reconstruí-lo constantemente:

Há um aspecto capital da evolução transdisciplinar da educação: reconhecer a si mesmo na face do outro. Trata-se de um aprendizado permanente, que

deve começar na mais tenra infância e continuar por toda a vida. A atitude transcultural, transreligiosa, transpolítica e transnacional permiti-nos-á, então, aprofundar mais a nossa própria cultura, defender melhor nossos interesses nacionais, respeitar mais nossas próprias convicções religiosas ou políticas. A unidade aberta e a pluraridade complexa, como em todos os campos da Natureza e do conhecimento, não são antagônicas. (<http://perso.club-internet.fr>).

Dentro de uma perspectiva histórica, onde as universidades brasileiras refletem e reproduzem a supremacia das classes dominantes, é fundamental refletirmos sobre o papel da universidade na formação dos indivíduos. Desta forma, a universidade deve estar comprometida na formação de um cidadão crítico e criativo que contribua de forma positiva e consciente para sua comunidade.

Com relação à discriminação, sabe-se que um de seus fundamentos psicológicos é o medo.(...) No pólo que discrimina, o medo se manifesta como reação ao desconhecido, visto como ameaçador. Quem tem a cor da pele diferente, ou fala de tradições - étnicas, religiosas, culturais - desconhecidas, confronta seu interlocutor com sua própria ignorância de mundos diferentes do seu. É a figura do “estranho”, do estrangeiro, que por escapar da apreensão comum, pode ser rotulado de “esquisito”. (PCN,2000,p.49).

Conhecendo os diferentes grupos étnicos, estudando e pesquisando sobre suas tradições, costumes, história, estaremos rompendo com a ignorância sobre o desconhecido e possibilitando a superação dos aspectos que muitas vezes acarretam atitudes preconceituosas:

A tolerância e respeito com aquilo que é diferente é aceitável para aproximar-se da diversidade. Diante da diversidade evidente da multiculturalidade entre grupos e diante da variabilidade individual interna em cada um deles, a educação como um todo, e não só por meio das escolas, deve fomentar a atitude de tolerância e de abertura para com o outro.(...) A tolerância em sociedades democráticas, em geral, ainda quando são pluriculturais, aparece como a virtude por excelência, como pensam Berger e Luckman (1997,p.61), porque, graças a ela, os indivíduos podem viver juntos, estabelecer relações e ao mesmo tempo orientar sua existência em relação a valores diferentes. (Sacristán, 1999, p.181)

Antropologicamente pensar no indivíduo, significa vinculá-lo a um grupo, sendo este portador de seus códigos, valores, tradições, costumes e a cultura contextual. Nesta perspectiva, a universidade propicia o encontro destes indivíduos e possibilita trocas muito intensas. “a aprendizagem nasce do encontro de pessoas diferentes. Cada uma delas é singular, única e, portanto, portadora, em parte do conhecimento, da cultura e da experiência coletiva das comunidades às quais pertence.” (Perrenoud,2000,p.74)

Sob este prisma, a função da universidade é de atender estas diferenças percebendo o aluno como centro do processo educativo. Pensamentos estereotipados devem dar lugar a um outro caminho, permeado pela tolerância, que possibilita o reconhecimento do outro na construção do conhecimento.

Cabe à universidade promover o desenvolvimento dos alunos nos aspectos: cognitivos, sociais e emocionais. Neste processo, tanto alunos como educadores se tornam responsáveis com relação aos objetivos a serem atingidos.

Na verdade, faz-se necessário que a universidade assuma o compromisso de oferecer todas as possibilidades para a formação de um indivíduo capaz de perceber, entender, analisar e criticar o mundo em que vive. Esta prática requer de nós educadores empenho e paciência.

Conclusão

Não se pretende nestas últimas linhas encerrar qualquer reflexão sobre este tema que é pertinente a todos nós brasileiros, pois, todo esforço e comprometimento da sociedade como um todo e da universidade, em particular, deve ser constante no sentido de contribuir cada vez mais para a construção de uma sociedade que respeite as diferenças.

É necessário que reconheçamos as diferenças étnicas para compreendermos melhor cada grupo de indivíduos, porém, não podemos esquecer que antes de pertencermos a qualquer coletivo, somos todos seres humanos dignos de respeito e liberdade.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Julio Groppa. *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summos, 1998

LÉVY , Pierre . *As Tecnologias da inteligência*. São Paulo: Literatura S/ C, 1996.

MINGUET , Pilar A . *A construção do conhecimento na educação* .
Porto Alegre: Vozes, 1998.

MORIN , Edgar . *O pensar complexo e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro : Garamond , 1999.

PERRENOUD , Philippe. *Pedagogia diferenciada; das intenções à ação*.
Porto Alegre: Artes Médicas Sul , 2000.

SACRISTAN , J. Gimeno. *Poderes instáveis em educação*. Porto Alegre:
Artes Médicas, 1999

Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais:
pluralidade cultural: orientação sexual*. Rio de Janeiro: DP&A ,
2000.

TRINDADE , Azoilda Loretto. *Multiculturalismo: mil e uma faces da
escola*. Rio de Janeiro : DP&A , 1999.